

Entre o Sistema e as Vias Políticas Uma pequena introdução aos pontos e contrapontos da teoria sistêmica e da sociologia histórica

Elói Martins Senhoras*

Este *paper* objetiva fornecer alguns subsídios para a garantia de pluralidade e o aprofundamento do debate sobre os desenvolvimentos teóricos de duas importantes correntes do pensamento político surgidas em meados do século XX, cujas vitalidades perduram nas discussões recentes.

A primeira corrente teórica a ser analisada é a escola sistêmica que é influenciada fortemente pela corrente positivista e empiricista, enquadrando-se distante de uma construção metodológica à la Weber que capta a história e suas modificações constantes e concretas.

Embora a palavra *sistema* tenha sido definida de muitas maneiras, muitos escritores políticos estão de acordo que *um sistema é um conjunto de partes coordenadas realizando determinadas funções*.

Dessa forma, o sistema político abrangeria tanto as normas, valores e instituições que regulamentam a distribuição dos papéis políticos, como as relações entre os atores políticos e os processos de socialização política, ambos circunscritos a mecanismos inerentes de coerção e coesão.

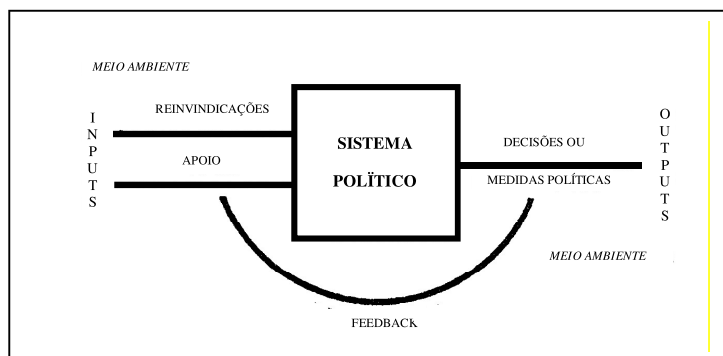
O objeto da análise da ciência política, nesta perspectiva sistêmica, não seria a *ação efetiva* dos atores ligados ao processo político e o *desempenho* de uma dada instituição, mas sim a caracterização teórica do fluxo político que se constitui independente de quem seja historicamente os atores socialmente determinados.

Esta análise científica possibilitaria, então, o estabelecimento de uma estrutura analítica funcionalista interdisciplinar de comparação entre o sistema político e os demais sistemas naturais e sociais.

Os autores da análise sistêmica valorizam as *funções* dos sistemas políticos segundo a capacidade de integração e diferenciação dos mesmos, independente de pressupostos éticos ou filosóficos.

O funcionamento normal dos sistemas políticos dependeria da manutenção dos fluxos totais de demandas e decisões políticas (*inputs* e *outputs*) entre sistema e meio ambiente, bem como do equilíbrio geral entre os vários subsistemas (política, economia, cultura ou sistemas de valores) que os compõem, através de seus múltiplos *feedbacks*.

Figura I - **Modelo Político Sistêmico**



Fonte: Easton (1970: 24).

Assim, qualquer interrupção nesses fluxos ou no equilíbrio entre os subsistemas colocaria a estrutura social num estado de *desequilibrium*, estado propício à ocorrência de modificações políticas e revoluções.

Dessa forma, um conjunto de teorias funcionalistas *mecanicistas* surgiram, sugerindo etapas de complexidade crescentes nos sistemas políticos, quaisquer que eles sejam, tomando como modelo, para a análise da evolução política, as sociedades capitalistas contemporâneas avançadas. Estes estudos sistêmicos com caráter restringido e unívoco de desenvolvimento político tornaram-se reconhecidos como *teorias da modernização*¹.

Tomando a complexidade dos sistemas capitalistas centrais como o padrão de medida dos avanços relativos dos sistemas políticos em desenvolvimento, nas teorias da modernização por não raras vezes, para fins democráticos os valores do liberalismo são renegados, dado que regimes autoritários como meios seriam justificados para a modernização dos sistemas políticos.

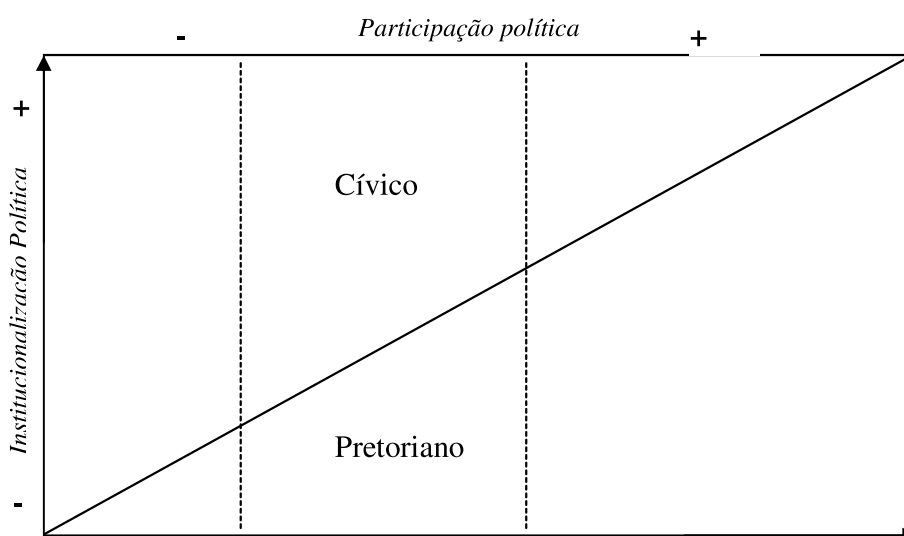
Assim, o ponto de vista de que o desenvolvimento político é a política característica ou ideal das sociedades industrializadas funde-se com aquele que acha que tal desenvolvimento é sinônimo de modernização política. As nações industriais adiantas

seriam assim os tipos ideais de vida econômica e social, devendo o mesmo acontecer na esfera política como pré-requisito para os demais países (Almond & Coleman, 1969).

Embora mantendo um enfoque pluralista e não funcionalista na ciência política, Huntington (1975) argumenta que esse grau de desenvolvimento de um sistema político poderia ser medido por sua estabilidade, segundo dois vetores básicos: o *nível de participação política*, por um lado, e o *grau de institucionalidade* alcançado pelo regime, seja comunista ou liberal.

Assim, utilizando-se de uma abordagem híbrida de análise sistêmica e sociologia história, a ampliação da mobilização na sociedade e a potencialidade de ocorrência de revoluções, segundo Huntington (1975) dependeria da capacidade do sistema político absorver ou não as demandas civis na arena política, que por sua vez influenciaria o grau de modernização socioeconômica, segundo dois sistemas políticos: cívicos e pretorianos.

Gráfico I - **Modernização pela revolução segundo Huntington**



Fonte: Elaboração do autor. Baseado em Huntington (1975).

Com as transformações de polarização do pós-guerra no campo político e econômico há o surgimento da sociologia histórica tendo proposta de interpretação teórica plural vis-à-vis o descrédito dos conflitos sociopolíticos que foram justificados pelas teorias da modernização e do evolucionismo funcionalista, que imputaram na ciência

política um caráter descritivo e generalizador próprios de ideais operativos de uma ciência *stricto sensu* política.

Assim, se desde Galileu a ciência moderna tem sido dominada pelo enfoque analítico ou reducionista, que se caracteriza pela redução de problemas a componentes menores visando facilitar a sua análise, o paradigma reducionista tem vantagens evidentes, sendo responsável pelo ferramental metodológico que proporcionou o gigantesco desenvolvimento científico e tecnológico experimentado pela humanidade nos últimos séculos, no entanto, o enfoque analítico-reducionista se mostra inadequado para lidar com situações mais complexas, onde os fenômenos devem ser entendidos não só em termos dos seus componentes, mas também em termos do conjunto integral das relações existentes entre eles.

Concepção distinta ao enfoque de sistemas políticos possuem os estudos que seguem as tradições da análise histórico-estrutural, da análise histórico-sociológica ou ainda das análises marxistas. Segundo essas três concepções, a retomada do Estado como local de condensação das contradições entre o econômico, o social e o cultural, e mesmo entre distintos modos de produção articulados pela preeminência do político, é suficientemente expressivo para contrastar a visão da política das *teorias da modernização*.

A mudança do enfoque analítico dos problemas para o estudo dos problemas como um todo, pode ser visto como uma mudança metodológica; é a mudança para o enfoque holístico. A noção de Estado como resumo e da política como síntese da transformação histórica indicam as implicações globais dessas três escolas na ciência política, não excluindo importantes implicações conceituais da escola sistêmica. Ao mesmo tempo que propõem diferentes metodologias que reivindicam as peculiaridades da política como elemento de aglutinação e transformação, as escolas destacam a existência de inter-relações com outros aspectos: naturais, econômicos, culturais e sociais.

Os intelectuais da sociologia histórica e comparada tomam os Estados como suas unidades privilegiadas de análise, e procuraram analisá-los em busca de generalizações sobre suas propriedades e de princípios de variação entre casos em diferentes espaços e períodos.

Tabela I - Vertentes principais de análise na sociologia histórica

Análises estatísticas	Os estudos estatísticos da guerra, das relações internacionais e da formação do estado tratam da mudança política como um processo com pendência parcial da mudança econômica e como consequência dos acontecimentos específicos ocorridos dentro dos diversos Estados. Supõem que os Estados atuam de acordo com interesses definidos, que o sistema internacional é anárquico, e a interação entre os estados se reduz em última instância à ação de interesses próprios.
Análises geopolíticas	Sustentam que as relações entre os Estados têm lógica e influência próprias, e que, por conseguinte, a formação do Estado responde em boa medida ao sistema vigente de relações entre Estados.
Análises dos modos de produção	As explicações sobre a estrutura do Estado se deduzem em grande medida dos interesses das elites que operam dentro das jurisdições de cada Estado, segundo modos de produções e períodos históricos específicos.
Análises do sistema mundial	Fundamentam a explicação das diversas vias de formação em uma caracterização da economia mundial. O estado figura principalmente como instrumento da classe dirigente nacional, um instrumento a serviço dos interesses dessa classe na economia mundial.
Análises das lógicas do capital e da coerção	Os diferentes Estados Nacionais são um claro reflexo produzido pelas diferentes combinações da organização da coerção e da dinâmica do capital ao largo do tempo e do espaço, segundo essa análise híbrida que privilegia a combinação da ação e da estrutura das análises anteriores.

Fonte: Elaboração própria. Baseado em Tilly (1994).

A sociologia histórica não deve ser confundida com a história social, nem tampouco ser concebida como uma confluência inevitável de história e sociologia, mas deve ser encarada como um espaço integrador de ambas abordagens, que empregando o *método comparativo* põe ênfase na análise macrocausal e na pluralidade de hipóteses e linha de desenvolvimento (Bendix, 1994).

Moore Jr (1983), é um dos principais expoentes desta escola teórica com forte contribuição para a ciência política, concentrando-se nas relações entre os Estados centralizados, a nobreza proprietária de terras e os impulsos comerciais no setor agrícola das economias nacionais. Os arranjos específicos nesta relações explicariam as três rotas para o mundo moderno: liberalismo, comunismo e fascismo. O livro de Moore trata tanto das causas histórico-sociais das revoluções, como das origens dos grandes sistemas políticos do século XX, unificando ambas as análises nos termos de um estudo comparado das rotas para o mundo urbano-industrial moderno.

No entanto, a globalização estabelece uma séria ameaça aos trabalhos histórico-sociológicos de análise, embora não ao método, porque os sistemas de Estados distintos, delimitados e soberanos, que têm há tempos servido como seu fundamento implícito está desintegrando-se rapidamente. Muitas das limitações dos trabalhos da sociologia histórico-comparativa ao pesar do tempo devem-se à centralidade que os autores

conferiram ao construto caracteristicamente ocidental do Estado-nação, embora a atual onda de globalização deva muito de sua importância à atividade de países não-ocidentais, em especial os do Leste Asiático.

* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

¹ Se o modelo de Weber procura distinguir a especificidade dos fenômenos políticos, sem cortar da análise a preocupação com o contexto histórico, a concepção funcionalista, geralmente, limita-se a enfatizar o que existe de comum e repetitivo nos fenômenos políticos, sem destacar as especificidades históricas.